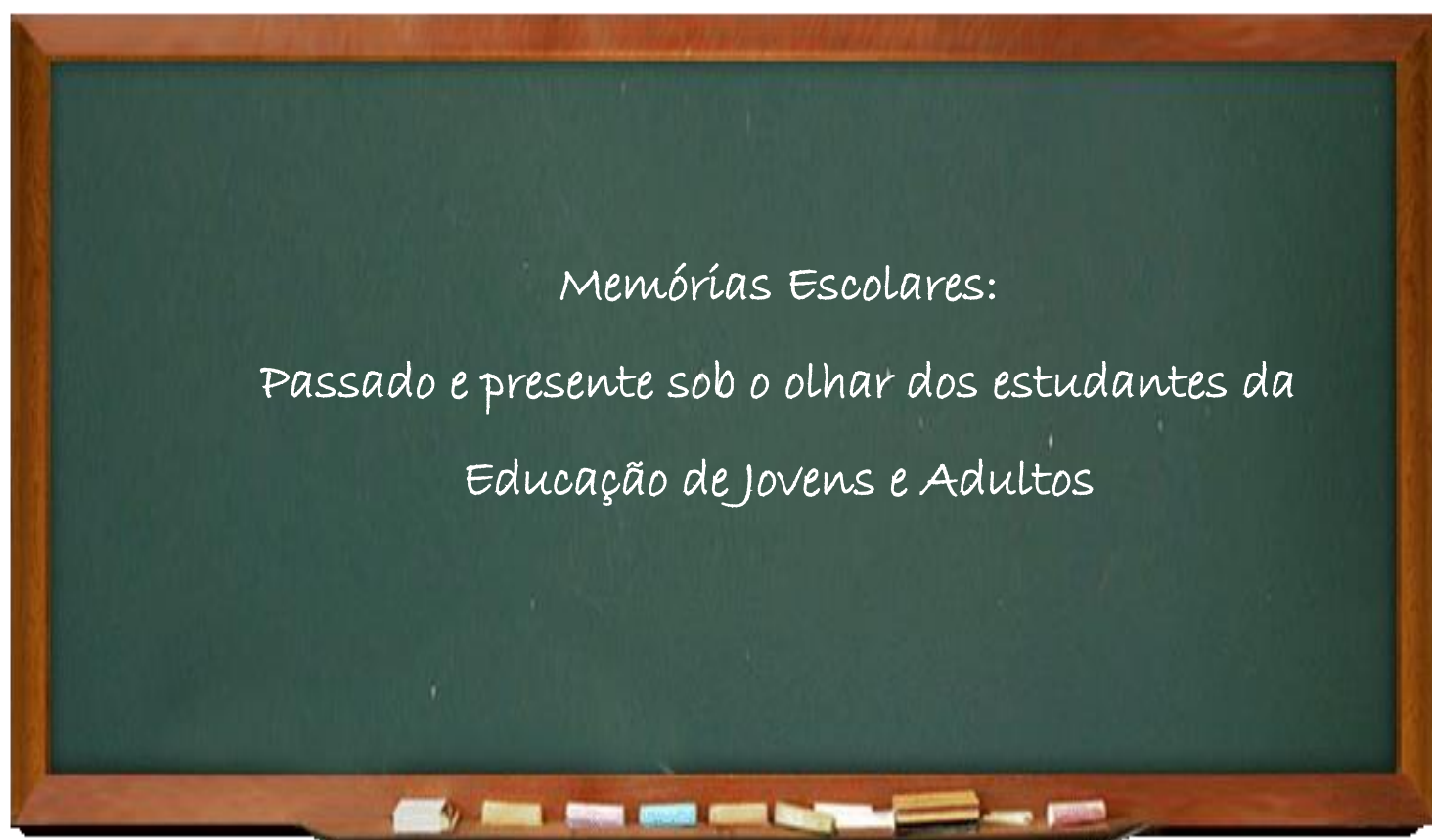


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Danúbia Pacheco Magalhães



Porto Alegre
2017/1

DANÚBIA PACHECO MAGALHÃES

**MEMÓRIAS ESCOLARES: PASSADO E PRESENTE SOB O
OLHAR DOS ESTUDANTES DA EJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Arenhaldt

Porto Alegre
2017/1

MEMÓRIAS ESCOLARES: PASSADO E PRESENTE SOB O OLHAR DOS ESTUDANTES DA EJA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Rafael Arenhaldt
Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Paulo Peixoto de Albuquerque
Examinador
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof.^a. Dr.^a. Denise Maria Comerlato
Examinadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar saúde e força para superar todas as dificuldades e iluminar o meu caminho durante esta caminhada.

Agradeço a minha mãe Elaine, pelo incentivo constante, pela motivação e auxílio. Só cheguei até aqui porque tenho você como suporte.

Agradeço também, uma pessoa muito especial em minha vida, meu filho Eduardo. Pela compreensão, pelo afeto constante e principalmente por me tornar uma pessoa melhor. Tudo o que tenho feito é por você!

Agradeço imensamente ao meu orientador Rafael Arenhaldt, por toda contribuição dada, não somente na realização deste trabalho, mas, pelo exemplo de professor que és, na qual tive o privilégio de conhecer no início do curso, ainda no exercício da sua profissão docente na EJA. Evidenciando a cada dia que a prática pode sim estar aliada a teoria. Gratidão.

Agradeço a todos os professores que nos auxiliaram durante o decorrer do curso. Especialmente aqueles que sempre demonstraram disposição para ajudar e contribuir para um melhor aprendizado.

Minha gratidão se estende também aos colegas e amigos, especialmente a Diane Oliveira e Alyne Moraes que fizeram parte dessa trajetória, dividindo momentos de descontração, estudos, discussões, experiências e conquistas.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte desta etapa decisiva em minha vida.

Sem a curiosidade que me move,
que me inquieta, que me insere na
busca, não aprendo nem ensino.
(Paulo Freire)

RESUMO

O presente estudo contempla as memórias escolares de estudantes maiores de 45 anos, de uma turma de alfabetização da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em uma escola da rede pública que concebe suas práticas na perspectiva construtivista. Tem como objetivo analisar as concepções de escolarização que estes adultos possuem, na tentativa de compreender as tensões que alguns estudantes evidenciam no decorrer de algumas propostas pedagógicas, planejadas pelos docentes. Com foco na didática e nas dinâmicas escolares, este estudo foi gestado no período de estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia na UFRGS. A pesquisa de abordagem qualitativa é um estudo de caso, constituído a partir da observação participante e de entrevistas semiestruturadas individuais com os discentes. Os dados coletados foram organizados em quatro categorias centrais para a realização da análise do estudo. Os teóricos que embasam a pesquisa primeiramente são Ecléia Bosi no que diz respeito a memórias, e Paulo Freire em relação à escolarização da EJA, entre outros, não menos importantes, que subsidiam conceitos que surgiram ao decorrer da pesquisa. O estudo revelou que as representações de escola que os estudantes possuem estão em parte associadas ao modelo de aula expositiva, consolidado como uma prática pedagógica tradicional. Demonstrando que os sujeitos associam “produtividade à qualidade” e evidenciando saudosismo a grande demanda de cópias que realizavam do quadro. Os sujeitos também caracterizam atualmente, as aulas expositivas dialogadas como “conversas” demasiadas, e propostas em que não há escrita como “parados” desconhecendo as finalidades desta metodologia. Entre outras considerações apresentadas ao longo do trabalho, destaca-se a importância de explicitar aos estudantes da EJA as finalidades das práticas docentes, para que os sujeitos compreendam a importância destas na sua escolarização.

Palavras-chave: Memórias; Representações de Escola; Educação de Jovens e Adultos.

LISTA DE TABELAS, QUADROS E FIGURAS

Tabela 1 – Identificação dos entrevistados.....	19
Quadro 1 – Linha do tempo: Acesso à escolarização dos entrevistados.....	26
Figura 1 – Sala de aula com classes enfileiradas.....	37
Figura 2 – Sala de aula com classes agrupadas.....	37
Figura 3 – Aula prática externa.....	38
Figura 4 – Organização circular das classes.....	48
Figura 5 – Estudantes realizando cópia do quadro escolar.....	48
Figura 6 – Dinâmicas de grupo.....	49
Figura 7 – Sala de aula cheia.....	49
Figura 8 – Práticas diferenciadas.....	50
Figura 9 – Grupos de estudo.....	50

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	9
2. POR QUE MEMÓRIAS ESCOLARES DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS?	11
3. A MODALIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	12
4. DELINEANDO DO PERCURSO DO ESTUDO.....	16
5. OUTROS ESTUDOS SOBRE MEMÓRIAS ESCOLARES DOS SUJEITOS DA EJA	20
6. ARTICULANDO OS DADOS PRODUZIDOS: TRIANGULAÇÃO	24
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	42
Apêndice A - ROTEIRO NORTEADOR PARA A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	45
Apêndice B- TERMO DE CONCORDÂNCIA DA ESCOLA.....	46
Apêndice C- TERMO DE CONSENTIMENTO DO ENTREVISTADO	47
ANEXOS	48

1. APRESENTAÇÃO

O presente estudo visa contribuir com a formação docente, agregando conhecimentos referentes à modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A partir da temática sobre as memórias escolares dos estudantes, pode-se aprofundar na pesquisa para compreensão das tensões e expectativas que estes sujeitos apresentam sobre o modelo atual de escolarização. Focando na representação de escola do passado, que ainda se faz presente no imaginário dos discentes.

Parto dos questionamentos referentes às concepções dos estudantes da EJA sobre escolarização e seus referenciais obtidos da experiência vivida, seus desejos e suas expectativas com relação à escolarização atual. Busco as respostas objetivando compreender as transformações nos processos de escolarização, relacionando o passado e presente, na perspectiva do sujeito da Educação de Jovens e Adultos, através de entrevistas individuais semi-estruturadas e observação participante.

Os sujeitos desta pesquisa qualitativa são estudantes de uma mesma turma de alfabetização da modalidade EJA do Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp-UFRGS).

O tema de estudo selecionado foi pensado a partir do estágio curricular de prática docente, pela investida tensão de alguns estudantes em relação a algumas propostas didáticas empregadas na sala de aula. Na tentativa de melhor compreender esses conflitos evidenciados na turma da EJA, busco neste estudo, a partir dos relatos dos sujeitos, conversar sobre o passado para compreender o presente e projetar o futuro. Analisando os relatos de experiência dos estudantes e buscando embasamento teórico para fundamentação.

Dentre os autores que têm pesquisas na área, busquei fundamentação teórica sobretudo em Ecléia Bosi no que diz a respeito ao trabalho da memória de velhos, bem como em Paulo Freire, procurando amparar as propostas didáticas para a EJA atualmente.

1.1 Intencionalidades e problemática do estudo

A partir do problema de pesquisa: “De que forma a visão escolar do passado circundam a escolarização presente dos sujeitos da EJA?”, e seus desdobramentos: “De que maneira as memórias escolares do passado implicam no contexto dos estudantes da EJA hoje?” Busco compreender as expectativas com relação à escolarização atual dos sujeitos, analisando os relatos das experiências escolares do passado e as suas demandas.

Com o foco na dinâmica e didática empregada em sala de aula, o presente estudo não visa tratar da metodologia empregada pelos docentes, mas, sim analisar como os estudantes estão percebendo as diferentes práticas e propostas em sala de aula. Investigando através das lembranças destes sujeitos, as suas experiências escolares do passado, relacionando com o momento atual vivido na escola.

2. POR QUE MEMÓRIAS ESCOLARES DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS?

O estudo com base nas memórias escolares permite um melhor entendimento sobre estes estudantes e as suas relações com a escolarização. As suas recordações oriundas da infância e juventude, remetem as suas representações de escola e possibilitam identificar as expectativas em relação à escola atual.

Após verificar, no período de estágio curricular de docência do curso de Pedagogia, como alguns estudantes ainda mantêm presentes em suas memórias o modelo de escola do passado e, em alguns momentos, relacionam com o presente, desaprovando certas metodologias e/ou julgando, decidi aprofundar-me neste estudo para encontrar uma maneira de ‘equilibrar’ a concepção de escola que muitos destes estudantes esperam encontrar nos dias atuais.

Durante todo o período que atuei em turmas da Educação de Jovens e Adultos (de 2013/2 à 2017/1), seja como monitora e/ou estagiária, presenciei muitos comentários dos estudantes desaprovando algumas metodologias utilizadas pelos professores. Tais como: *“Pra mim assistir vídeos não é aula!”*; *“Perdemos metade da aula só conversando...”* [entre outras tantas falas]. Então decidi centrar minhas energias neste estudo, motivada pelo questionamento do que seria uma aula “válida” para estes estudantes e de onde vêm estas concepções de aula com escrita excessiva, restringindo a liberdade de expressão dos colegas e percebendo o professor como detentor exclusivo do conhecimento. Entre os diversos caminhos possíveis para esta sondagem, escolhi trilhar o caminho das memórias escolares, instigada pelo recorrente discurso saudosista: *“Na minha época...”*.

3. A MODALIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Primeiramente, abordo um pouco da organização da EJA, por considerá-la fundamental para nos situarmos no debate sobre a escolarização e formação de jovens e adultos. Incluindo as suas especificidades que tem por finalidade assegurar uma educação significativa para o público alvo.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino da educação básica que oferta o ensino fundamental para jovens a partir dos 15 anos e o ensino médio para pessoas a partir dos 18 anos, sem limite de idade, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/96.

O Parecer CNE/CEB de nº11/2000 que regulamenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA, considerado como sendo um importante documento, pelo fato de elucidar aspectos pertencentes ao público alvo, dispõe de três funções para a modalidade de ensino:

- A Função Reparadora: do direito negado;
- A Função Equalizadora: garantindo a equiparação social e aprendizagem;
- A Função Qualificadora: das aprendizagens contínuas.

As funções têm como objetivo buscar uma sociedade mais justa e menos desigual, atendendo a demanda desta parcela da população que foi excluída do processo escolar regular ainda na idade considerada adequada.

A modalidade de ensino da EJA, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais apresenta-se respeitando as características desses estudantes, oferecendo alternativas educacionais adequadas em relação a seus interesses, condições de vida e de trabalho. Nas leis que regulamentam a EJA, por tratar-se de um público alvo com mais maturidade, com vivências e diferentes experiências, o currículo é diferenciado e flexível. Pensado para atender as demandas do grupo de estudantes jovens, adultos e idosos com vistas a garantir uma aprendizagem significativa, de acordo com as suas realidades.

Quando Paulo Freire, em Pernambuco, e Moacir de Góes, no Rio Grande do Norte, começaram a desenvolver seus trabalhos de alfabetização, fundamentados em métodos e objetivos que buscavam adequar o trabalho à especificidade dos alunos, começou a emergir a consciência de que alfabetizar adultos requeria o desenvolvimento de um trabalho diferente daquele destinado às crianças nas escolas regulares. As necessidades e possibilidades daqueles educandos exigiam o desenvolvimento de propostas adequadas a elas. (OLIVEIRA, 2007)

Apesar de parecer mais eficaz, o modelo de educação proposto para a EJA contrasta com as experiências que os sujeitos carregam em suas lembranças, com as expectativas que estes sujeitos trazem. Acredito que muitos estudantes ingressam na modalidade EJA, ainda tendo como referência o ensino regular, que vivenciaram na sua infância, na expectativa de reviver o mesmo sistema de ensino/aprendizagem. Esse embate na realidade do âmbito escolar pode gerar conflito no sujeito, resultando em desaprovação da metodologia empregada pelos professores.

O trabalho pedagógico na EJA é, preferencialmente, desenvolvido a partir das experiências e/ou realidades dos estudantes, bem como os interesses e saberes que os sujeitos levam para as salas de aula. Os conteúdos são apresentados de maneira específica, relacionados sempre que possível às situações do cotidiano. Sendo assim, na didática da EJA, objetiva-se incorporar os conteúdos às ações concretas, que contribuam na vida destes estudantes de maneira que possa capacitar à ação social dos estudantes.

Um dos desafios do trabalho pedagógico na EJA é a adequação dos conteúdos formais, para torná-los mais significativos na vida dos sujeitos e auxiliar no desenvolvimento de uma consciência mais crítica.

3.1. Como é a EJA na escola pesquisada?

A escola selecionada é da rede pública federal, localizada em Porto Alegre e oferta vagas no ensino regular, fundamental e médio além da modalidade EJA, no qual é ofertado o ensino fundamental em turno vespertino e o médio no noturno.

Conforme consta no regimento da instituição, a escola tem por finalidade:

I - Ministrando Ensino Fundamental e Médio. II - Promover e desenvolver experiências de ensino-aprendizagem que busquem dinamizar, atualizar, construir e criar conhecimento, no que se refere ao Ensino Fundamental e Médio. III - Constituir parcerias com outras Unidades da Universidade e escolas do sistema público e privado, para promover inovações pedagógicas. IV - Constituir espaço para a realização de práticas pedagógicas e estágios supervisionados dos alunos dos cursos de graduação, pós-graduação e formação continuada da UFRGS V - Desenvolver, coordenar e executar projetos de Pesquisa e Extensão, no âmbito da Educação Básica. (COLÉGIO DE APLICAÇÃO, 2005).

Através do regimento da escola, podemos nos guiar com relação à proposta da didática empregada. Por ser uma escola integrada a uma universidade, ela tem o comprometimento de aprimorar e facilitar o desenvolvimento das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão.

Durante todo o período que acompanhei esta turma como monitora, evidenciei o respeito e os esforços dos professores e estagiários na valorização da experiência dos estudantes, na tentativa de favorecer a apropriação dos saberes.

[...] O que deve ser instaurada é a pedagogia que começa pelo diálogo, pela comunicação, por uma nova relação humana que possibilite ao próprio povo a elaboração de uma consciência do mundo em que vive. (FREIRE, 1989).

Grande parte das propostas pedagógicas ofertadas na turma é baseada na concepção Freiriana, pautadas pelo resgate dos conhecimentos prévios dos estudantes. Os professores atuam como mediadores, instigando o questionamento dos conteúdos e temas contemporâneos, sempre problematizando-os para exercitar a criticidade e a autonomia intelectual dos educandos. Nesta vertente as aulas são mais dialogadas, com mais ações práticas nos laboratórios (de ciências, informática, música), os professores utilizam diferentes recursos didáticos como jogos, vídeos, músicas, teatro, oficinas práticas, palestras além das frequentes saídas de campo.

As aulas nesta turma de alfabetização são organizadas de maneira interdisciplinar, os professores das diferentes áreas periodicamente planejam juntas as temáticas a serem abordadas. Deste modo possibilita aos estudantes o auxílio necessário para realizar a sua leitura de mundo, baseado numa concepção Freiriana de Educação.

O quadro da sala é utilizado diariamente apenas para a colocação da data e roteiro de aula, ou para exposição de alguma explicação. As produções escritas geralmente são dadas em folhas impressas. Normalmente os registros realizados no caderno são tarefas propostas oriundas das folhas de atividades. Exemplo: *“Destaque no texto palavras que possuem... e após descreva no caderno acrescentando”*.

4. DELINEANDO DO PERCURSO DO ESTUDO

Apresento aqui a metodologia adotada para este estudo, ou seja, “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, 2003). Nesta perspectiva, demonstro os recursos necessários para a construção desta pesquisa acadêmica.

O presente trabalho é uma pesquisa de abordagem qualitativa que visa compreender as concepções de escolarização dos sujeitos da EJA com base nas suas memórias. A partir da concepção da Szymanski (2002), no que se refere a uma pesquisa qualitativa, destaco que ela:

Responde a questões muito particulares, preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Trabalha com o universo dos motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes (intuição, exploração, subjetivismo). A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas. (SZYMANSKI, 2002)

Nesta vertente, para tal obtenção dos dados da pesquisa qualitativa foi realizado entrevistas semiestruturadas com uso de imagens como aporte (APÊNDICE A) e observação participante.

Para a realização das entrevistas, foi necessário entregar à coordenação da escola um Termo de Concordância da Instituição (APÊNDICE B), explicitando o objetivo das entrevistas e os devidos contatos da pesquisadora. Cada estudante entrevistado também recebeu um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C), contendo todas as informações relevantes da pesquisa.

As entrevistas ocorreram nas dependências da escola, com quatro estudantes de uma turma de Alfabetização da EJA. Os estudantes responderam as questões individualmente. Iniciei com as perguntas referentes à escola que frequentaram na infância, e conforme surgiam às respostas levantavam-se outros questionamentos que julgava relevante para o estudo.

Ao conviver com este grupo de estudantes, evidenciei nas manifestações de alguns sujeitos a timidez. Sendo assim, pude previamente pensar em algumas estratégias para estimular as falas dos sujeitos mais inibidos nas entrevistas. Uma das estratégias utilizadas foi o uso imagens, de diferentes organizações

escolares, possibilitando um estímulo das lembranças, a evocação da memória e a exploração da temática. Utilizei as imagens para que eles pudessem informar qual cena se assemelhava a escola do passado e em qual organização que eles preferiam para estudar.

Os relatos da entrevista foram registrados primeiramente por meio de gravação de áudio, em um aparelho celular. Após, transcrevi as informações que julguei relevante para o tema em um computador respeitando a linguagem dos participantes. A partir do registro dos relatos, categorizei as informações relacionadas com o escopo e enfoque da pesquisa, agrupando por tópicos as falas dos sujeitos. “A categorização concretiza a imersão do pesquisador nos dados e a sua forma particular de agrupá-los segundo a sua compreensão. Podemos chamar este momento de explicitação de significados” (SZYMANSKI, 2002). Nas categorias apresentadas no trabalho, as narrativas dos estudantes aparecem destacadas, porque o foco do estudo está centrado nos relatos dos sujeitos.

Realizei além das entrevistas individuais a observação participante, aproveitando a oportunidade de estar no convívio dos estudantes como monitora da turma. Em concordância com Bogdan e Bicklen:

Nos estudos de observação participante, o investigador geralmente já conhece os sujeitos... Quando o sujeito tem um momento disponível, o investigador pode, por exemplo, pedir-lhe: “Tem uns minutos livres? Ainda não falei sozinho consigo.”... Contudo, especialmente no final do estudo, quando se procura informação específica, o observador participante determina momentos para se encontrar com os sujeitos, com vista a conduzir uma entrevista mais formal. (BOGDAN; BICKLEN, 1991)

Assim sendo, nos momentos oportunos nos quais surgia alguma fala e/ou comentários dos estudantes referentes ao tema de pesquisa, no qual eu pudesse acrescentar em meu estudo, eu questionava em momentos oportunos, para uma obtenção possivelmente mais clara dos fatos. Essas informações eram descritas em um diário de campo, sempre ao final das aulas.

Observar é uma maneira eficiente de se conhecer um determinado grupo e compreender uma prática social e cultural. A observação direta é sem dúvida a técnica privilegiada para investigar os saberes e as práticas da vida social e reconhecer as ações e as

representações coletivas na vida humana (ROCHA; ECKERT, 2008, p.2).

Em consonância com Rocha e Eckert (2008), concordo que a prática da observação demanda tempo, pois requer uma imersão na ação exigindo atenção, mas nunca o julgamento das ações e sim questionamentos que provoquem desdobramentos, uma contextualização dos fatos.

4.1 Sujeitos da Pesquisa

Pensando na acessibilidade para realizar a pesquisa, comuniquei primeiramente a turma no qual já atuava como monitora. A proposta de estudo e a temática foram informadas coletivamente. Depois de realizada a apresentação, informei que necessitaria de ao menos, quatro estudantes que estivessem enquadrados nos critérios pré-estabelecidos para realizar entrevistas individuais. Cientes dos pré-requisitos, três estudantes se ofereceram, o quarto estudante foi convidado e este, prontamente aceitou.

Os sujeitos preenchem os seguintes critérios para a inclusão: (1º) estar matriculado e frequente na EJA; (2º) possuir idade acima dos 45 anos e (3º) ter frequentado a escola no passado, em sua infância e/ou juventude.

O primeiro critério leva-se em conta a viabilidade da pesquisa, considerando que, além das entrevistas, há as observações. Possibilitando uma análise mais abrangente dos estudantes no cotidiano escolar e em relação com outros estudantes. Elegeu-se o critério relacionado à idade madura devido a uma prévia concepção da autora com base nas vivências em turmas da EJA, no qual se percebeu mais intensamente a demanda de comparações das escolas do passado e do presente. O último critério diz respeito à experiência vivida na escola do passado, pressupondo que estes sujeitos trarão à pesquisa mais detalhadamente elementos que possam contribuir com a análise.

Os estudantes são da mesma turma de Alfabetização da EJA (EF2) do Colégio de Aplicação da UFRGS, uma escola pública de ordem federal. Dos sujeitos que participaram deste estudo, temos uma mulher e três homens, dos quais um é aposentado e os outros três são trabalhadores ativos, todos provenientes da mesma camada popular.

Considerando que os participantes da pesquisa deveriam informar seus conflitos, se houvessem, na escola atual, e para não provocar desconforto para estes estudantes, optei por não revelar os seus nomes. Perguntei para cada estudante, individualmente, com que nome gostaria de ser referenciado no trabalho finalizado. Cada sujeito atribuiu-se um nome justificando as suas particularidades para tal. Segue na tabela abaixo informações sobre a ordem das entrevistas realizadas individualmente com os respectivos nomes fictícios e idades.

Tabela 1- Identificação dos Entrevistados:

	NOMES (FICTÍCIOS)	IDADES
1	Fernando	57
2	Paulo	45
3	Ângelo	61
4	Nair	53

Elaborado pela autora

5. OUTROS ESTUDOS SOBRE MEMÓRIAS ESCOLARES DOS SUJEITOS DA EJA

O estudo de caso sobre as memórias escolares que implicam no contexto dos estudantes da EJA foi pensado após o período do estágio curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia, pelas constatações advindas da prática docente e pela trajetória que percorri em turmas da EJA ao longo dos quatro anos da minha formação. A partir da escolha da temática, iniciei a busca por estudos realizados neste campo de pesquisa.

[...] a teoria é um conhecimento de que servimos no processo de investigação como um sistema organizado de proposições, que orientam a obtenção de dados e a análise dos mesmos, e de conceitos, que veiculam seu sentido. (SZYMANSKI, 2003)

Na busca por teóricos, encontrei alguns trabalhos referentes à memória dos sujeitos da EJA na vertente da historiografia voltada para as áreas do trabalho, cidadania e sociedade. Muito pouco encontrei sobre memórias escolares de sujeitos que estão na EJA atualmente.

Nesta intensa procura, encontrei na tese de doutorado de Fernandes (2012) uma proximidade com o meu tema, no qual ela analisa as memórias e lembranças dos sujeitos da EJA, e as representações formuladas por esses estudantes sobre a escola da infância, relacionando com as vivências escolares atuais. Neste estudo a autora considera que os adultos atualmente convivem com os contextos da modernidade globalizada, e isso representa a necessidade destes sujeitos lidarem com situações novas. Para ela, os sujeitos adultos da EJA nos tempos atuais são parte de uma complexidade inerente da globalização.

Os adultos que integram as salas de aula da EJA nos tempos atuais são parte de todo esse complexo, que agem e interagem considerando as influências que recebem de fatores externos e internos. Esse pensamento complexo, por não ser linear, integra a multiplicidade de caminhos e de possibilidades com as quais os seres humanos e, como parte deles, os adultos se deparam na vida. (FERNANDES, 2012)

A autora também destaca a hipótese de que os adultos não tenham absorvido os efeitos do processo migratório da escola regular para a modalidade EJA. Considerando importante (re)conhecer as transformações e adequações

existentes na modalidade e seus efeitos sobre seus atores (estudantes e professores).

Concordo com a análise da autora, considero que os avanços no campo da educação atualmente possibilitaram práticas inovadoras, que podem acarretar um estranhamento nos estudantes mais velhos que possivelmente carregam em suas memórias um modelo conservador de escola do século XX. Outro ponto importante salientado pela autora é a migração de uma escola regular do século XX para uma modalidade EJA do século XXI, com todas as suas especificidades já mencionadas anteriormente, é uma nova concepção de estudo que difere relativamente do sistema regular.

5.1. Sobre Memórias

A memória é, portanto, o recurso que a humanidade utiliza para dar significado ao que se quer lembrar. Ao recordar, faz-se a conversão da representação e um esquema mental a partir das imagens que temos na mente e que representam o fato vivido. (FERNANDES, 2012)

A memória, recordação ou lembrança está associada a uma função cerebral, que é capaz de rememorar situações vividas, visualizadas, ouvidas ou sentidas. Podendo ser de um passado distante ou podendo ser a curto ou médio prazo. Mas esse registro das memórias que ficam em nosso subconsciente é seletivo. Selecionamos involuntariamente somente aquilo que tem significância em nós, o que nos “toca” na questão emocional, sentimental e funcional.

[...] a memória prende-nos ao passado, diz quem nós somos ao nos fornecer as referências que nos situam num tempo, numa família, numa cultura. Quem perde a memória perde com ela a própria identidade. À medida que os anos transcorrem, construímos nossa história pessoal acumulando um acervo de lembranças, e todo o processo educacional coloca-se a serviço desse treinamento da mente do aluno. Memorizar e lembrar são palavras de ordem. (SILVA, 2010)

Conforme afirma Silva, aquilo é rememorado, ou seja, os fatos que registramos em nossas mentes são singulares, evidenciando quem nós somos, através das nossas preferências, nosso histórico de vida, cultura e crenças. A exemplo disso podemos perceber esses critérios, que involuntariamente nossa psique faz, a partir de um filme, muitas pessoas podem assistir ao mesmo filme,

sendo que posteriormente, dificilmente vão relatar exatamente a mesma história, sempre vai haver detalhes diferenciados, provavelmente de elementos, que possam até ser subjetivos, mas apresentam algum significado para quem assistiu.

Para nossa sanidade, a memória dispõe de um eficiente processo de autorregulação. De forma seletiva, registramos em nossos arquivos mentais apenas aquilo que nos parece relevante. Porém, os critérios que norteiam essa seleção não se situam no plano da consciência, não temos domínio sobre eles. De fato, eles muitas vezes nos surpreendem. Por que lembramos x e esquecemos y, que na época nos parecia tão inesquecível? (SILVA, 2010)

Ao pesquisar sobre memórias escolares, certamente não será diferente. Possivelmente os estudantes irão retratar aquilo que mais marcou, podendo ser algo positivo ou negativo de duas experiências. Assim, como o estudante entrevistado, também poderá selecionar apenas as informações que julgar pertinentes, pela sua compreensão do que se trata este estudo.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado [...] Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1994, p.55)

O estudo através do tema memórias possibilita o conhecimento mais aprofundado dos sujeitos participantes, as lembranças da escola, também remetem a outras como infância, juventude, família, vida profissional, entre tantas outras que foram citadas durante as entrevistas, porque está tudo relacionado. A vida não é compartimentada em áreas, uma situação leva a outra e se relaciona ao presente. Assim sendo, alguns relatos sobre a escolarização do passado foram instantaneamente atribuídos ao presente.

Baseado no estudo da Ecléia Bosi, na qual afirma que a memória além de seletiva é bem pouco confiável, reafirmo que a lembrança de fatos antigos já não vem com as mesmas significâncias, porque nós não somos os mesmos, nossa percepção não é a mesma, as nossas idéias, os nossos juízos de valores e realidade mudam ao decorrer do tempo.

O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p. 55)

Nesta perspectiva, Bosi (1994) evidencia que ao rememorar algo ocorrido, colocamos uma maior carga de significação, ao relatar nossas memórias podemos estabelecer outras relações com as experiências de vida do passado e significá-las de forma mais intensa.

6. ARTICULANDO OS DADOS PRODUZIDOS: TRIANGULAÇÃO

A investigação realizada centrou-se prioritariamente em cinco questões que se constituíram como bases para o desenvolvimento deste trabalho: O que você recorda da escola onde estudou?; Por que, naquela época, você saiu da escola?; O que espera desta escola onde estuda agora?; Quais as principais diferenças que percebeste entre essas escolas? Qual modelo de escola você prefere, do presente ou do passado?

Após analisar o conteúdo das entrevistas realizadas com os discentes, organizei as informações pertinentes ao tema em quatro categorias: (1) Primeiro acesso à escola e tentativas de retorno ao longo do tempo; (2) Lembranças escolares: as percepções das aulas do passado; (3) As expectativas sobre a escolarização atual, e (4) Diferenças entre escolas: presente e passado.

Assim elucidado as informações promovendo um entrelaçamento entre os relatos dos estudantes, reflexões pertinentes e articulando com alguns autores.

6.1. Primeiro acesso à escola e tentativas de retorno ao longo do tempo

As primeiras questões lançadas aos entrevistados buscavam identificar e situar as primeiras experiências iniciais destes sujeitos na escola. As informações como: idade que ingressou na escola; tempo de permanência e período em que esteve afastado dos estudos me possibilitou traçar uma linha do tempo, no qual pude situar a época do fato relatado ao contexto histórico que atravessava o país, para uma análise mais contextual dos fatos.

Esta primeira categoria também compreende fatores de ordem social, os entrevistados demonstraram conformidade nos motivos que levaram ao afastamento das escolas.

Ah! Não fiquei muito tempo... Acho que três ou quatro meses, eu acho. Porque tinha que ajudar a minha mãe, trabalhando na roça... Tinha que trabalhar. [...] depois eu tive que trabalhar, aí retornei só agora.

Fernando, entrevistado 1. (junho, 2017). Conversa gravada em áudio (duração 35 min.)

[...] fiquei só um ano. Eu tinha nove anos, saí da escola com 10 anos, porque eu tive que trabalhar para ajudar meu pai a sustentar os outros meus irmãos.

Eu tenho 16 irmãos.

Eu trabalhava em casa de família, chorava pra não ir..., mas a mãe dizia: Tu tem que ir! Ia no fim da semana, fazia tudo serviço geral, era a primeira a levantar e a última a dormir. Eu posava no serviço

Nair, entrevistada 4. (junho, 2017). Conversa gravada em áudio (duração 27min.)

Neste relato Fernando e Nair respondem às questões sobre o tempo de permanência na escola e os motivos da sua saída ainda muito jovens. Assim como eles, os entrevistados de modo geral foram impossibilitados de dar continuidade aos estudos na infância, porque precisavam trabalhar para garantir e/ou o contribuir com o sustento da família.

Na época da infância e juventude, o acesso à escola era mais restrito do que atualmente. A população rural era maior e desde muito cedo, participavam do trabalho juntamente com suas famílias, tanto dentro, quanto fora de casa. Como observado nos relatos de Fernando e de Nair. Conforme Pereira (2012) evidencia em seu artigo, no tempo de infância dos entrevistados não havia tantas leis como atualmente.

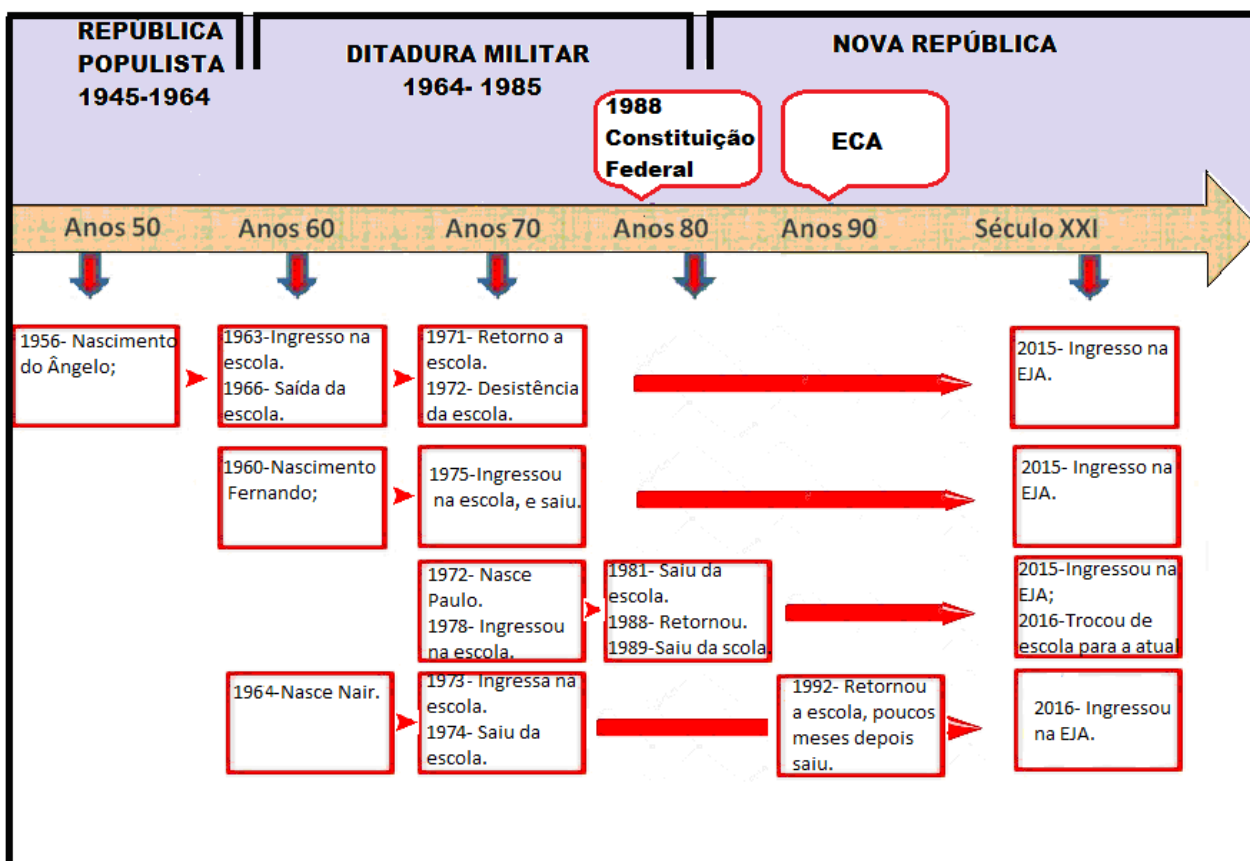
[...] na época, não havia restrições legais ao trabalho infantil. Não havia obrigatoriedade de as famílias matricularem os filhos na escola. Por outro lado, não havia exigência de escolaridade para trabalhadores urbanos ou rurais. (PEREIRA, 2012)

Considerando que em 1988 na Constituição Federal do Brasil foi regulamentada a lei que proíbe o trabalho infantil antes dos 16 anos, com maior fiscalização (sendo que anteriormente na LDBEN, de 1971 proibia dos 7 aos 14 anos, mas, não havia fiscalização) e considerando a criação do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) a partir do ano de 1990, no qual regulamenta e fiscaliza a obrigatoriedade do estudo, verificamos que era comum entre os grupos populares a retirada da criança da escola para trabalhar. Sendo que no caso das mulheres, assim como pudemos verificar no relato da Nair, o trabalho desenvolvido normalmente era doméstico.

As mulheres eram encaminhadas desde cedo ao trabalho doméstico, interrompendo os estudos – quando tinham a oportunidade de iniciá-lo – para casar e cuidar dos filhos ou mesmo para trabalhar em casa de família, como doméstica. (PEREIRA, 2012)

Para melhor explicitar os movimentos dos entrevistados de ingresso e saída da escola, situando a época e o contexto histórico em que o país atravessava, elaborei esta linha do tempo. Iniciando na década de 50, ano em que o entrevistado com maior idade nasceu, até o momento atual.

Quadro 1 - Linha do tempo: Acesso à escolarização dos entrevistados



Elaborada pela autora.

Como podemos visualizar na linha do tempo, em meados de 1963 a 1988 (anos em que os entrevistados tiveram contato com a escola) a evasão era significativa.

*Eu voltei depois com os 28 anos, na escola Silvio Torres.
Eu fiquei... O máximo que eu fiquei foi uns três meses, depois eu saí.
Porque eu estava muito cansada, dava muito sono. Trabalhava com serviço pesado*

Nair, entrevistada 4.

*Retornei depois com 15 ou 17 anos.
No supletivo... Aí comecei tudo de novo né!
Aí quando comecei pegar os negócios, aí parei de ir à aula tudo de novo.
Fiquei um ano lá, aí comecei trabalhar.*

Paulo, entrevistado 2 (junho, 2017). Conversa gravada em áudio (duração 43 min.)

Nos depoimentos todos os entrevistados relatam a tentativa de retomar os estudos, alguns na juventude, para dar continuidade na escolarização e possivelmente concluir, mas não obtiveram sucesso, mais uma vez tiveram que priorizar o trabalho. Assim Hara (1992) descreve:

Sabemos que para os adultos das camadas populares, dentre as adversidades que a sociedade lhes impõe, a questão da escolarização tem peso menor para a sua sobrevivência. Questões como habitação, saúde, emprego, alimentação, transporte, são prioritárias em relação aos processos escolares. Isto significa que os desafios impostos ao trabalho de escolarização popular, nos momentos de crise econômica e social, acabam por ser muito maiores, demandas caem na proporção direta ao empobrecimento da população. (HARA, 1992, p.2)

É compreensível, a partir do ponto de vista de uma pessoa da camada popular, que a educação não seja algo prioritário, em curto prazo a necessidade da alimentação, moradia e saúde são questões mais urgentes.

As questões elencadas nesta primeira categoria evidenciaram os movimentos de ingresso e os motivos que levaram a desistência da escola, além de estar relacionado ao período histórico. Essas informações permitem um esboço inicial do estudo, pois é necessário primeiramente identificar o contexto dessas memórias e a duração de cada experiência escolar para melhor compreender o percurso.

6.2. Lembranças escolares: as percepções das aulas do passado

*Bah, eu não lembro quase nada... Mas era assim é...
Muita coisa que tinha antes como tema de casa, essas coisas assim sabe, pra fazer
para não ficar parado em casa também, né!
Tinha que estudar, tinha que fazer alguma coisa, agora hoje em dia eu não vejo isso.
Nem criança mesmo não vejo, porque as crianças chegam em casa com os cadernos e
'siuuu' se mandam para rua.*

Paulo, entrevistado 2.

Início a conversa desta categoria com alguns relatos do estudante Paulo. Inicialmente ao ser perguntado sobre as lembranças escolares do passado, ele demonstra não lembrar quase nada, mas após algum tempo ele vai relatando as informações que surgem relacionando às experiências atuais. Assim conforme afirma Bosi (1994) em seu livro *Memória e Sociedade*, o rememoração permite várias releituras de um tempo vivido, permitindo ao entrevistado à possibilidade

de realizar escolhas, descartando tudo aquilo que julgar desnecessário. Na mesma perspectiva, Fernandes (2012) reafirma que selecionamos as memórias conforme a significação que atribuímos a elas.

Ao falar de suas lembranças, os estudantes da EJA que, na infância, tiveram passagem pela escola poderão ressignificar aquele tempo vivido, ao recordar as relações que estabeleciam com o espaço escolar e com as “coisas” do tempo daquela escola. Enquanto lembra – e esse ato é individual – o sujeito seleciona o que tem mais significado para ele. (FERNANDES, 2012)

Seguindo na mesma perspectiva, percebemos na narrativa de Paulo que ao mesmo tempo em que rememora coisas do passado ele faz associação ao presente. Partindo do pressuposto da significação daquilo que é lembrado, Paulo apresenta um tom de criticidade e saudosismo com relação às tarefas para realizar em casa. Na narrativa dele podemos identificar que a crítica não está relacionada somente a EJA, ele utiliza também como exemplo a educação escolar de crianças.

*As aulas? Ah eram boas, eram boas.
A gente só tinha que estudar e não ficar parado, sempre fazendo alguma coisa.*

Fernando, entrevistado 1

Nos relatos de Fernando, além do elogio à metodologia aplicada antigamente, percebe-se uma similaridade com a fala do Paulo. Os dois evidenciam que nas escolas de antigamente a demanda de tarefas era maior.

Considerando as narrativas feitas e relacionando aos aspectos metodológicos empregados na época em que sujeitos vivenciaram a escola, percebe-se que se tratava de um modelo tradicional de educação.

*Lá era um atrás do outro.
Eu sentava bem atrás.*

Fernando, entrevistado1.

Os entrevistados, ao serem perguntados individualmente sobre a organização do espaço escolar, foram unânimes nas respostas. Todos estudaram em salas com classes organizadas em fileiras. Segundo Saviani (2005, p. 118), no qual afirma que a forma como eram organizadas as classes em sala de aula, está associado com o autoritarismo onde o poder é centralizado no professor: “São fixas e voltadas para um determinado ponto onde se encontra o professor”.

A teoria tradicional de educação consiste “predominantemente na transmissão de conteúdos e na formação social individualista” como afirma Gadoti, (1995, p.90 apud. BENETTE, COSTA, 1999, p.190). As iniciativas nesta perspectiva são restritas ao professor, que atua como detentor do conhecimento e ao aluno só cabe à passividade.

Esse ensino tradicional que ainda predomina hoje nas escolas se constituiu após a revolução industrial e se implantou nos chamados sistemas nacionais de ensino, configurando amplas redes oficiais, criadas a partir de meados do século passado, no momento em que, consolidado o poder burguês, aciona-se a escola redentora da humanidade, universal, gratuita e obrigatória como um instrumento de consolidação da ordem democrática. (SAVIANI, 2005)

O modelo tradicional de educação ainda é muito utilizado atualmente principalmente nas escolas públicas, inclusive na EJA. Mas esse modelo não contempla todas as funções da escola, tais como formar um sujeito crítico. Nesta mesma vertente, Freire (1996) destaca em seu livro Pedagogia do Oprimido, repudiando a ideia de uma educação bancária, em que considera o educando como um recipiente vazio, no qual o educador despeja todo o seu conhecimento e o estudante memoriza e reproduz ocupando assim um papel passivo.

Eu era muito tímido. Não falava muito.

Paulo, entrevistado 2.

*[...] Só davam aquela aula ali e pegava os negócios dele e tchau!
Largava, iam embora. Não tavam muito a fim de assunto.*

Ângelo, entrevistado 3 (junho, 2017). Conversa gravada em áudio (duração 27min.)

Quando perguntados sobre a relação entre estudante e professor, Paulo alegou timidez na infância e Ângelo relata que não havia diálogo algum. Talvez por conta desse “descaso” com os estudantes que resultava na desordem na sala de aula, assim conforme Ângelo relatou.

*Bah, aquilo lá, aquele colégio que eu estudava lá, era uma bagunça desgranida. Bah!
Uma zueira, não dava para aturar.*

Ângelo, entrevistado 3.

Através das narrativas de Ângelo, percebe-se que ficou fortemente marcada em sua lembrança a indisciplina da turma. Durante a entrevista, por

diversos momentos, pontuou a “zueira” que havia no local em que estudou. Assim como podemos constatar no relato do Ângelo, a indisciplina ainda é um problema que permanece ao longo do tempo, em muitas escolas sendo de ensino regular ou não, mas isso não ocorre na turma pesquisada. Em meio aos relatos, todos os entrevistados destacaram o freqüente uso do quadro escolar pelos professores.

*É... Eram assim, como tá assim [apontando para o quadro] era escrita.
Se tivesse uma biblioteca era muito, se tivesse.
Senão era só escrita, só quadro e escrever.*

Ângelo, entrevistado 3.

As anotações era no quadro, só no quadro e a gente passava pro caderno.

Nair, entrevistada 4.

O quadro escolar é um dos principais marcos das lembranças destes estudantes. Afirmaram que era o recurso mais utilizado e em todas as aulas sempre havia “*quadro cheio*” para copiar. Percebi nos relatos que eles não vêem isso como algo ruim, eles acreditam que quanto mais cópias realizam mais aprendem.

Esta categoria contemplou as lembranças da sala de aula. A organização, a metodologia utilizada pelos professores, a relação professor-aluno das escolas dos sujeitos. O Ângelo foi o único que demonstrou descontentamento com a escola do passado, destacando em seus relatos falta de diálogo e indisciplina. Os demais entrevistados demonstraram certo saudosismo do processo de escolarização da época aparentando contentamento com a metodologia.

6.3. As expectativas sobre a escolarização atual

Nesta categoria além de apresentar as expectativas dos sujeitos, apresento também os elogios e as críticas com relação à escolarização atual. A explicitação será a partir de trechos selecionados das entrevistas com os estudantes. Quando questionados sobre as expectativas antes de iniciar nesta escola, alguns estudantes responderam:

Não ficar muito parado

Fernando, entrevistado 1

Durante as entrevistas percebi em todas as falas o “*não ficar parado*”, implicitamente ou explicitamente e isso foi algo que me despertou a atenção. Inclusive perguntei: *O que seria ficar parado?* Suas explicações despertaram novos questionamentos:

*Considero um exercício também pra gente a horta, a culinária...
O problema é quando estamos na sala de aula, aí um começa um assunto e vai se esticando, aí tu olha para o relógio e a hora vai passando, vai passando... E nada.
Não é a questão que não estou aprendendo nada, mas é o que eu acho.*

Paulo, entrevistado 2.

Gostaria de usar mais o caderno

Fernando, entrevistado 1.

*Eu gosto mais é de estudar no quadro.
Quando tem aquela vontade assim de aprender, estudar, ler, né!
Que a professora passe no quadro e a gente passe pro caderno.*

Nair, entrevistada 4.

Pelo contexto e pela perspectiva dos entrevistados, o termo parado está relacionado ao termo desocupado, mas eles associam esta “desocupação” ao participar de uma palestra, ao assistir um vídeo, durante a promoção de um diálogo, ou ao debater sobre assuntos contemporâneos com a turma. Ou seja, para estes educandos “parado” refere-se ao fato de não estarem realizando nenhum tipo de escrita ou leitura.

É compreensível esta vontade de escrever muito nas aulas, eles têm pressa em aprender, evidenciam isso a todo instante como observado nas aulas, e eles acreditam que realizando mais atividades escritas eles vão aprender mais rápido. A hipótese que os estudantes assemelham “qualidade a produtividade” Acreditando que estar “parado”, muitas vezes em um debate não agrega conhecimento.

Nesta mesma vertente, segundo Angélica Cass (1974), citada por Fernandes (2012), os adultos distinguem-se pelas características:

[...] são leitores que têm urgência em aprender; têm necessidades específicas e desejo de aprender; perseguem suas metas em relação à aprendizagem; têm metas a alcançar dentro de um prazo determinado; necessitam ser elogiados; querem ser tratados como

adultos maduros; têm experiências para compartilhar; são amistosos entre si; desejam se sentir bem e estabelecer contatos sociais; temem o desprestígio em situações de aprendizagem; [...] tendem a ser tímidos e sensíveis; experimentam sentimentos de frustração; possuem hábitos próprios; apreciam e respeitam os benefícios da educação e da aprendizagem, possuem um estilo de pensamento próprio, dentre outros. (CASS, 1974 apud FERNANDES, 2012).

Sobre as expectativas com relação à atual escola, os sujeitos expressam em suma, a vontade de produzir mais escrita.

6.4. Diferenças entre as escolas do presente e do passado

Nesta categoria pretendo apontar as diferenças entre a escolarização do passado e presente na visão dos sujeitos da EJA, além de apresentar as suas preferências com relação organização escolar e a identificação de aprendizagem através das imagens apresentadas na entrevista.

Ao serem perguntados sobre as diferenças encontradas entre as aulas dos velhos tempos e as aulas atuais, Paulo pontua que:

*O que eu vejo muito diferente é às vezes, é muito assunto (risos)...
Às vezes, tem muito assunto e passa o horário muito rápido e tem dias que a gente não faz nada!*

Paulo, entrevistado 2.

A principal diferença que o Paulo relata é referente às discussões proposta pela professora, conforme foi observado em aula. Em sua visão, considera perda de tempo as tarefas que envolvam escritas e leitura, na concepção de Paulo, são mais eficazes. Neste caso, evidencio no relato do Paulo uma falta de comunicação sobre o que foi proposto pelo professor. Talvez se a finalidade da prática fosse exposta, ele compreenderia a importância de exercitar a oralidade e o desenvolvimento da argumentação, entre outras finalidades, para futuras produções escritas.

Romão (2002) explicita que “a pedagogia dialógica centra a aprendizagem não numa negação do ensino, mas numa relação dialética entre aprender e ensinar, com precedência e a predominância do primeiro”. Neste sentido os

“assuntos” não significam um “nada”, eles são parte de uma aprendizagem que ainda não está clara para Paulo.

*É escrita, uma leitura, uma coisa assim...
E no supletivo não, no supletivo era direto.
Eles botavam, enchiam o quadro lá e ‘siuuu’
Tu ia escrevendo e já ia, como é que se diz, resolvendo né?!
É coisa que mudou agora que eu não to vendo.*

Paulo, entrevistado 2.

Ao ser solicitado uma explicação sobre como era antes, Paulo relata sobre a quantidade de atividades que demandava todo tempo de aula, numa perspectiva de educação bancária segundo Freire.

Na educação bancária (modelo tradicional de ensino) o educando é concebido como depósito ou aquele que recebe a transferência de informações, no qual o professor tem papel ativo de transferidor dos conhecimentos, numa cultura do silêncio. Nesta mesma vertente, Freire discorre em uma de suas obras:

Precisávamos de uma pedagogia da comunicação com a qual pudéssemos vencer o desamor do antidiálogo. Lamentavelmente, por uma série de razões, esta postura - a do antidiálogo - vem sendo a mais comum na América Latina. Educação que mata o poder criador não só do educando mas também do educador, na medida em que este se transforma em alguém que impõe ou, na melhor das hipóteses, num doador de “fórmulas” e “comunicados”, recebidos passivamente pelos seus alunos. (FREIRE, 1979)

Freire salienta a importância do diálogo na educação referindo que “não cria aquele que impõe, nem aqueles que recebem; ambos se atrofiam e a educação já não é educação” (FREIRE, 1979). A turma investigada está inserida em uma metodologia na perspectiva construtivista, onde o diálogo é o desencadeador da aprendizagem, essa prática gera algumas tensões em alguns estudantes, assim como foi evidenciado no relato do Paulo acima.

Fernando destacou outro diferencial entre as escolas do passado e presente:

Escrevia no quadro, não tinha folhinha, copiava bastante do quadro.

Fernando, entrevistado 1.

A diferença salientada pelo Fernando foi o uso das folhas impressas, frequentemente utilizadas atualmente, lembrando que antigamente era somente utilizado o quadro escolar.

Ângelo, o terceiro entrevistado, aponta diferente percepção:

*É aqui agora eu tô aprendendo, o que eu não sabia.
Estou aprendendo bastante coisa! Até neste negócio de computador né.
Olha... Pra ti dizer bem a verdade!
Eu não sabia de computador, assim eu para mexer eu não sabia.
Não sabia mesmo. Agora já ligo, já mexo.
Não sabia, negativo mesmo.
Nem sabia ligar, para dizer bem a verdade, nem ligar não sabia.*

Ângelo, entrevistado 3.

Em seu relato, Ângelo salienta com muito entusiasmo, o uso do computador na escola como sendo um diferencial. Atualmente, uma vez por semana, eles têm aula no laboratório de informática, para muitos foi o primeiro contato com o computador.

Ângelo lembra que antigamente não haviam recursos em sua escola.

*Mas nem perto dessa
aqui, mas nem perto!
Eles não tinham nada, nada!*

Ângelo, entrevistado 3.

É de conhecimento geral que atualmente as escolas estão mais bem equipadas. Não é raro encontrar em escolas públicas salas de informática, bibliotecas entre outros recursos que auxiliam na aprendizagem.

Não era boa que nem aqui, que dão atenção.

Nair, entrevistada 4.

Na visão da Nair, a diferença principal está no atendimento dos professores. Considerando que antigamente ela não obtinha. Assim conforme Oliveira (2005, p. 65):

[...] se o professor souber ouvir o aluno sobre suas dificuldades, pessoais ou escolares, já favorecerá em muito o relacionamento e o clima de sala de aula. Porém, não se trata de atender as vontades dos alunos, mas de aproximar-se deles e conhecer suas dificuldades para melhor exercer seu papel de educador. (OLIVEIRA, 2005)

A partir do que cada estudante relatou, percebe-se a distinção dos focos evidenciados, conforme já mencionado anteriormente, cada sujeito expressou aquilo que lhe tem maior significância. “Cada um escolheu aquilo que deveria ser lembrado ou esquecido. Cada sujeito da pesquisa filtrou suas lembranças da escola privilegiando umas e apagando outras” (PEREIRA, 2012).

Ao ser perguntado sobre a aprendizagem na escola do passado, Ângelo respondeu:

*Era ruim, porque eles não ensinavam quase nada.
Não tinha quase coisa pra... Assim para ensinar a pessoa, não explicavam!
Se tu soubesse. Soubesse!
Se não soubesse. Paciência!*

Ângelo, entrevistado 3.

No relato apresentado, Ângelo refere-se aos professores da sua época de infância e juventude, atribuindo a eles o fracasso escolar, alegando a falta de comprometimento dos mesmos. Em continuidade a narrativa, ele evidencia estar aprendendo mais na escola atual.

*Desse negócio de aprender, a pessoa tá aprendendo mais aqui.
Antes em outros lugar que tem a pessoa não aprende.
E aqui, tá dando mais coisa para pessoa aprender do que em outros lugar
que a pessoa não ta pegando.
E aqui a pessoa já ta pegando um monte de coisa.*

Ângelo, entrevistado 3.

Assim como o Ângelo, todos demais entrevistados relataram uma melhora significativa na aprendizagem.

Tem bastante coisa que já aprendi já. Aqui é bem melhor!

Fernando, entrevistado 1.

*É que antes eu não sabia nem ler, nem escrever direito né.
Até para juntar as letras era muito ruim.
Depois que eu saí do Candido para vir para cá, que eu comecei pegar mesmo as
letras, começar ler as coisas. Ler assim né, até começar escrever.
Agora estou escrevendo bem melhor e já estou lendo bem melhor.*

Paulo, entrevistado 3.

Nos depoimentos dos estudantes, percebemos que a escolarização atual está cumprindo o seu papel, pois está ocorrendo aprendizagem. Talvez não na maneira e na velocidade esperada por alguns sujeitos, que notadamente tem pressa, e isso gera frustrações como observei na sala de aula em diferentes momentos.

*Considero um exercício também pra gente a horta, culinária...
O problema é quando estamos na sala de aula, aí um começa um assunto e vai se
esticando.
Aí tu olha para o relógio e a hora vai passando, vai passando e nada.
Não é a questão que não estou aprendendo nada, mas é o que eu acho.*

Paulo, entrevistado 3.

O relato do Paulo reforça a hipótese da pressa atrelada à aprendizagem.

Durante as entrevistas busquei compreender na percepção dos sujeitos, como caracterizam uma “boa” aula e qual a metodologia escolar que eles consideram mais eficaz a atual ou do passado. A Nair respondeu que gosta das aulas atuais, mas considera que aprenderia ainda mais, se houvesse mais cópias do quadro. Fernando e Ângelo igualmente consideram eficazes as práticas atuais, na visão deles a escola atual está muito melhor, a reivindicação deles é por mais escrita e leitura.

*Ah, eu prefiro como era antes.
Com mais escrita, mais leitura.*

Paulo, entrevistado 3.

Paulo considera que as práticas escolares do passado são as melhores. Esse aparente saudosismo não invalida a prática atual, como ele mesmo reconhece que está aprendendo. Apenas evidencia uma preferência pela metodologia tradicional.

O modelo tradicional de ensino, que por vezes é duramente criticado por educadores que seguem uma linha construtivista, e ainda é utilizado em muitas escolas, também faz com que o aluno aprenda conteúdos, mas oprime o estudante.

Ao refletir sobre os anseios dos estudantes, considero importante articular as vontades destes com o método construtivista, (atualmente utilizado na escola) na qual acredito ser o mais adequado para formação do sujeito. Por vezes, de fato, observei que os diálogos estendiam-se ocupando um maior espaço de tempo na aula, o que ocasionava na não sistematização do tema. Talvez a melhor escolha nestes casos, é interromper o diálogo um pouco antes do término da aula (por mais que este esteja agregando valores, pois, é uma demanda da turma a produção escrita) para realizar registros sobre o mesmo, e assim poder equilibrar as falas com as atividades que envolvem escritas e leituras.

Para a realização das entrevistas, além das perguntas do roteiro semiestruturado, utilizei imagens como recurso desencadeador das memórias escolares e também para compreender melhor as concepções e preferências de cada sujeito. Assim sendo, após a realização das entrevistas dispus as várias

imagens para que cada estudante, individualmente, escolhesse conforme iria propondo questões.-.

Ao pedir para os entrevistados que selecionasse uma cena na qual eles preferissem estudar, as opiniões se dividiram entre duas imagens das quatro mostradas.

Figura 1: Sala de aula com classes enfileiradas



Fonte: Alda Cavalcante Bezerra, 2014.

Figura 2: Sala de aula com classes agrupadas



Fonte: Colégio CLJ, 2013.

Nair e Ângelo escolheram a imagem figura 1, em que as classes estão enfileiradas. Relacionando com saudosismo a escola que vivenciaram no passado ou pelas suas concepções de escola. Atualmente, na sala em estudam, as classes são organizadas uma ao lado da outra baseando-se na concepção Freiriana do Círculo de Cultura. Conforme salienta “o método dos círculos não é a

imposição de ideias, como na educação tradicional, mas o diálogo de todos e entre todos os participantes” (JORGE, 1981).

Os estudantes Paulo e Fernando, optaram pela figura 2, com organização em pequenos grupos de classes argumentando a preferência por trabalhos em grupos que permite uma interação mais direta com os colegas.

*Em grupo, eu acho mais tri né.
Daí tu pode ser ajudado e ajudar também as outras pessoas né.*

Fernando, entrevistado 1.

A utilização das imagens permitiu uma sondagem mais significativa das percepções dos sujeitos, além de ser um desencadeador de lembranças.

Entre outras perguntas realizadas utilizando o recurso (imagens), destaco o relato do Paulo, quando questionado se em todas as cenas era possível ocorrer aprendizagem:

Figura 3: Aula prática externa



Fonte: Marcos Filho, 2016.

*... Pra mim que esta daqui, de fica em coisinha assim.
Acho que tem gente que não presta muito atenção nas coisas.
Tu pode notar, se tu fizer alguma coisa dessa daqui de grupo,
depois tu pergunta e ninguém...
Ah eu não vi! Ah nem me liguei o que foi.*

Paulo, entrevistado 3.

No relato acima, Paulo argumenta que nas propostas de tarefas externas à sala de aula não ocorre aprendizado, segundo ele porque a atenção não fica centrada. A fala do estudante demonstra que a prática podendo ser tanto interna quanto externa, ela somente terá efetivação dos sujeitos se possuir significância para os mesmos, ou seja, a aprendizagem ocorre em qualquer lugar em que as pessoas se sintam contempladas com a temática e estejam dispostas a aprender.

É importante compreender que cada escola possui uma realidade diferente, que envolvem os seus sujeitos com seus problemas e dificuldades específicas. Cabendo a cada instituição, verificar no seu coletivo as demandas e promover reflexões, analisando criticamente cada situação. Assim sendo, poderá propor intervenções que possam conversar com os conflitos sem perder o foco que é o ensino e a aprendizagem.

A sugestão é identificar antes das aulas os objetivos das ações propostas, diferentemente das crianças, o adulto busca compreender as situações, refletir os propósitos e às vezes eles não visualizam como nós docentes o que de fato está subjetivo na ação. Mas isso pode variar, conforme o perfil da turma, daí a importância de estar atento (ser professor observador), em outras palavras, “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 2001).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração todos os aspectos levantados na pesquisa, percebo que o estudo da memória e percepção escolar dos estudantes da EJA possui significativa importância na formação docente, pois possibilita uma maior compreensão sobre estes estudantes e as relações com a escolarização.

Ao indagar-me sobre forma como a visão escolar do passado circunda a atual escolarização, evidenciei um saudosismo as aulas expositivas do modelo tradicional de educação. Apesar de todos os sujeitos da pesquisa reconhecer que estão aprendendo bastante nesta concepção construtivista, relataram a vontade de utilizarem mais o caderno, e sentirem falta de copiar mais do quadro, além de conceber a organização das classes enfileiradas como sendo a sua preferência.

Os resultados do estudo refletem diretamente sobre a minha prática docente na EJA. Apesar de nós docentes, planejarmos nossas aulas baseadas em estudos e teóricos, acreditando ser o melhor possível para o nosso público alvo, podemos deparar com estudantes como Paulo, que aparenta não perceber sentido didático em nas nossas metodologias. Planejamos e executamos as aulas sabendo as finalidades que desejamos atingir. Mas, talvez por vezes estejamos esquecendo que explicitar aos estudantes o quanto é benéfico desenvolver certas atividades. Assim como, a exploração da oralidade entre outras dinâmicas que não estão propriamente centradas na escrita.

Acredito que devemos estar sempre atentos as demandas dos estudantes da EJA, e sempre evidenciando o objetivo do que é proposto, ou os fazendo perceberem que as conversas não são em vão, que elas têm um propósito. Outra questão que considero importante é o registro (para quem necessita como meio de rememorar), que contribui inclusive como um diário, na qual os estudantes poderão retomar os temas debatidos em cada aula. Este registro pode ser feito de diferentes maneiras.

As observações e entrevistas individuais com os estudantes me possibilitaram um (re)conhecimento mais aprofundado dos sujeitos. Apesar de estar no convívio diário na escola, com alguns há mais de dois anos e outros há um ano, sempre buscando dialogar com todos, evidenciei que no coletivo as

afirmações e argumentos ficam mais no campo do senso comum, ou alguns apenas silenciam “aparentemente” em concordância com outros que expõe suas ideias perante o grupo, para talvez não gerar conflitos. Acertadamente optei pelas entrevistas individuais que pontuaram em resultados diferenciados, sobre a escola antiga e a escola atual.

Em virtude de tudo que foi mencionado até aqui, acredito que através das análises pude compreender parte das concepções escolares destes quatro estudantes, desta turma de alfabetização. Mas estando convicta de que, um maior número de estudantes investigados, de diferentes escolas possibilitaria resultados mais significativos. Então finalizo aqui o trabalho de conclusão de curso, com a esperança de dar continuidade nesta busca, neste estudo, primando à qualidade da EJA e a sua significação para os sujeitos.

REFERÊNCIAS

ACROSS CONSULTORIA. **Dinâmica de grupo- JBS**. 07/11/2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g5jiye0v8LY>> Acessado em: 30/05/2017.

AZEVEDO, Lucimara Aparecida de. **EJA e a Memória Escolar do Idoso Asilado**. Disponível em: <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais17/txtcompletos/sem02/COLE_2958.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2017

BENETTE, Tereza Sanchez; COSTA, Leila Pessoa da. **Indisciplina na sala de aula: algumas reflexões**. 2011. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2186-8.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017

BEZERRA, Alda Cavalcante. **A importância da organização do espaço escolar em sala de aula**. Aldacavalcante.com 15/02/2014. Disponível em: <<http://www.aldacavalcante.com/2014/02/a-importancia-da-organizacao-do-espaco.html>> Acessado em: 30/05/2017.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. 3.ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

BOGDAN, Robert, BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e as Métodos**. Portugal: Porto Editora, 1991. p. 111-139

BRASIL. Parecer/CEB nº 11/2000, de 10 de maio de 2000. **Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação**. Distrito Federal, DF, Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>. Acesso em: 10 maio 2017.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO/UFRGS. **Regimento do Colégio de Aplicação**. 2005. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/colégiodeaplicacao/wp-content/uploads/2017/02/RegimCAp_Outubro-2005.pdf>. Acesso em 17/06/2017.

COLÉGIO ICJ. **Estrutura**. Colégioicj.com 2013. Disponível em: <<http://www.colegioicj.com.br/estrutura/sala-de-aula>> Acessado em: 30/05/2017.

CONZATTI, Fernanda de Brito Kulmann. **Sentidos da vivência educativa para adultos maduros de uma turma de Educação de Jovens e Adultos**. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CORRÁ, Daniel. **Faculdades no Vale importam métodos de ensino de Harvard**. Globo.com 18/03/2014. Disponível em:<<http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2014/03/faculdades-no-vale-importam-metodos-de-ensino-de-harvard.html>>Acessado em: 30/05/2017.

EMEF ROSA SIMÕES DE ALMEIDA. **Comemorando o dia do estudante- EJA**. 25/10/2012.Disponível em: <<http://emefrosasimoesdealmeida.blogspot.com.br/2012/10/>> Acessado em: 30/05/2017.

FERNANDES, Andrea da Paixão. **Memórias e Representações Sociais de Jovens e Adultos: Lembranças ressignificadas da escola da infância e expectativas no retorno à escola**. 2012. 374 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

FILHO, Marcos. **Semana dos Alimentos Orgânicos conta com aula de campo sobre horta agroecológica**. 03/06/2016. Araguaína.conexãoto.com Disponível em: <[http://araguaína.conexaoto.com.br/2016/06/03/semana-dos-alimentos-organicos-counta-com-aula-de-campo-sobre-horta-agroecologica#pp\[noticia\]/0/](http://araguaína.conexaoto.com.br/2016/06/03/semana-dos-alimentos-organicos-counta-com-aula-de-campo-sobre-horta-agroecologica#pp[noticia]/0/)> Acessado em: 30/05/2017.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 80 p. Tradução: Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 150 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Unesp, 2001. 300 p.

HARA, Regina. **Alfabetização de adultos: ainda um desafio**. 3. ed[. São Paulo: CEDI, 1992.]

HELOISA (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: A prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2002. Cap. 2. p. 63-87.

JORGE, J. Simões. **Educação crítica e seu método**. São Paulo: Loyola, 1981. Coleção Paulo freire.

LEÃO, Denise Maria Maciel. **Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola tradicional e escola construtivista**. Cadernos de Pesquisa, p.187-206, nº 107. Ceará, 1999

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al (Org.). **Pesquisa Social: Teoria Método e Criatividade**. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. In: **Educar**, Curitiba, n. 29, p. 83-100, 2007. Editora UFPR.

OLIVEIRA, Maria Isete de. **Indisciplina escolar: Determinantes, conseqüências e ações**. Brasília: Líber Livro, 2005.

PEREIRA, Jacqueline Mary Monteiro. A escola do riso e do esquecimento: Idosos na educação de jovens e adultos. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p.11-38, fev. 2012. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-014.pdf>>. Acesso em: 01 maio 2017.

PIERRO, Maria Clara di; JÓIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. **Visões da Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. São Paulo: Cadernos Cedes, 2001.

REDE RESIDÊNCIA (Org.). **EJA Brasil**. 2012. Disponível em: <http://ejabrasil.com.br/?page_id=10>. Acesso em: 01 maio 2017.

RENATA. **Educarê**. Coordenadoraranata.blogspot 23/02/2011. Disponível em: <<http://coordenadorarenata.blogspot.com.br/2011/02/pauta-da-primeira-reuniao-de-pais-e.html>> Acessado em: 30/05/2017.

ROCHA, Ana Luíza Carvalho de; ECKERT, Cornélia. **Etnografia: Saberes e Práticas**. Iluminuras, Porto Alegre, v. 9, n. 21, p. 1-23.

ROMÃO, José Eustáquio. **Pedagogia Dialógica**. São Paulo. Cortez Editora, 2002.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Memórias de escola**. Polyphonía, v. 21/2, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sv/article/download/18972/11118>>. Acessado em 15 maios 2017.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Secretaria de Educação abre inscrições para o PROEJA**. Radiomuriae.com.br, 18/11/2014 Disponível em: <<http://www.radiomuriae.com.br/noticias/secretaria-de-educacao-abre-inscries-para-o-proeja>> Acessado em: 30/05/2017.

SITE: MEU SONHAR. **Sonhar com aula**. 2017. Disponível em: <<https://www.meusohar.com.br/sonhar-com-aula/>>. Acessado em: 30/05/2017.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. Perspectivas para a análise de entrevistas. In: SZYMANSKI,

**Apêndice A - ROTEIRO NORTEADOR PARA A ENTREVISTA
SEMIESTRUTURADA**

- 1) Você frequentou a escola na infância?
- 2) Qual escola?
- 3) Quanto tempo estudou?
- 4) Quanto tempo ficou fora da escola?
- 5) Por que saiu da “escola regular”?
- 6) O que você lembra da escola de antigamente, no seu tempo de infância?
- 7) Como eram as aulas? O que você pensa sobre isso?
- 8) Quando você retornou a escola na EJA, o que você esperava ter/ver na sala de aula?
- 9) Está sendo como o esperado?
- 10) Qual mudança te chamou mais atenção?
- 11) O que mudou da escola de antigamente para a de hoje? O que tem de igual?
- 12) Em sua opinião, você considera que melhorou ou piorou? Por quê?
- 13) Descreva uma boa aula, em sua opinião.
- 14) Com qual tipo de atividade você aprende melhor? (com escrita, ou diálogos/conversas, ou saídas a campo/ experimentações, ou jogos...?)
- 15) Complete a frase: os professores de antigamente faziam... os professores atualmente fazem...
- 16) Apresentação das imagens: de escolas e salas de aula do passado...

Apêndice B- TERMO DE CONCORDÂNCIA DA ESCOLA



TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo investigar as transformações nos processos de escolarização, relacionando o passado e presente, na perspectiva do sujeito da Educação de Jovens e Adultos. Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição. Também será utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para cada participante.

A coleta de dados envolverá a aplicação de um questionário que deverá ser respondido individualmente por quatro alunos das turmas da EJA fundamental, podendo ser no espaço da sala de aula ou qualquer outro espaço da escola. A coleta será realizada pela estudante do curso de Pedagogia, Danúbia Pacheco Magalhães.

Os participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. A qualquer momento, tanto os participantes quanto os responsáveis pela Instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Esta pesquisa é parte integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Faculdade de Educação da UFRGS, como requisito para obtenção do diploma de Licenciatura em Pedagogia. Todo material desta pesquisa ficará sob responsabilidade da pesquisadora e orientador do estudo, Prof. Dr. Rafael Arenhaldt.

Os dados individuais dos participantes coletados ao longo do processo não serão informados às instituições envolvidas ou aos familiares, mas deverá ser realizada uma devolução dos resultados, de forma coletiva, para a escola, se for assim solicitado.

Agradecemos a colaboração dessa instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

Caso queiram contatar a pesquisadora, isso poderá ser feito pelo telefone (51) 985201167 e/ou e-mail: dadamagalhaes275@gmail.com.

Danúbia Pacheco Magalhães
(Graduanda)

Prof. Dr. Rafael Arenhaldt
(FACED/UFRGS)

Concordamos que os adultos, estudantes da EJA, que estudam nesta instituição, participem do presente estudo.

Escola: _____

Responsável: _____

Porto Alegre, ____ de junho de 2017.

Apêndice C- TERMO DE CONSENTIMENTO DO ENTREVISTADO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) participante:

Eu, Danúbia Pacheco Magalhães, sou estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estou realizando uma pesquisa com estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), orientada pelo professor Dr. Rafael Arenhaldt, intitulada “Memórias Escolares: Passado e presente sob o olhar dos estudantes da EJA”. A pesquisa tem por objetivo compreender as transformações nos processos de escolarização, relacionando o passado e presente, na perspectiva do sujeito da Educação de Jovens e Adultos.

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa e caso aceite, assinará este termo em duas vias, uma das quais ficará com você. Sua participação consiste apenas que disponibilizar cerca de 2 horas de seu tempo para responder algumas questões que lhe serão apresentadas durante entrevistas realizadas pela pesquisadora. Esta conversa, caso você concorde, será gravada em áudio para posteriormente ser transcrita e analisada para o estudo. Será assegurado que suas informações pessoais ou dados que possam identificá-lo (a) sejam omitidos e os resultados divulgados de forma coletiva e anônima, de modo a proteger o sigilo destas informações e sua privacidade.

Mesmo não tendo ganhos diretos em participar da pesquisa, indiretamente, você estará contribuindo para produção do conhecimento científico no campo da Educação de Adultos e para a divulgação a outras pessoas dos benefícios que a educação proporciona. Além disso, acreditamos que sua participação não trará nenhum prejuízo ao seu bem-estar, embora possa sentir algum desconforto momentâneo e passageiro ao relembrar situações vividas.

Porém, ressalta-se que sua participação neste estudo é totalmente voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo.

O estudante compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone [\(51\) 985201167](tel:(51)985201167) ou por e-mail: dadamagalhaes275@gmail.com

Eu _____ concordo em participar deste estudo e declaro ter recebido informações suficientes sobre a pesquisa, bem como ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Assinatura do entrevistado

Local e data

Obrigada pela sua colaboração!

Danúbia Pacheco Magalhães
Graduanda

Prof. Dr. Rafael Arenhaldt
Orientador

ANEXOS

OUTRAS IMAGENS QUE NORTEARAM A ENTREVISTA

Figura 4: Organização circular das classes



Fonte: Alda Cavalcante Bezerra, 2014.

Figura 5: Estudantes realizando cópia do quadro escolar.



Fonte: Site 'Meu sonhar', 2017.

Figura 6: Dinâmicas de grupo



Fonte: Daniel Corra, 2014.

Figura 7: Sala de aula cheia



Fonte: Rádio Muriaé/Secretaria de Educação, 2014.

Figura 8: Práticas diferenciadas



Fonte: EMEF Rosa Simões De Almeida, 2012.

Figura 9: Grupos de estudos



Fonte: Dinâmica de grupo JBS, 2013.